

Memoriais de formação e a construção da identidade docente: um estudo sobre o PROESF/Unicamp no ano de 2007

Luciana Teston SIVALLE*

Graziela Giusti PACHANE**

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma dissertação de Mestrado que pesquisou os Memoriais de Formação de 24 alunas do curso de Pedagogia do Programa Especial para Formação de Professores em Exercício (PROESF) do ano de 2007, realizado na Unicamp. O texto traz uma breve apresentação do PROESF, o papel da Memória e as reflexões sobre os percursos de construção da Identidade Profissional revelada por meio desses Memoriais de Formação, trazendo para discussão acadêmica suas narrativas autobiográficas, abordando os saberes do cotidiano e os saberes de professor, numa perspectiva de apresentar vestígios dos caminhos de constituição da identidade profissional do professor.

Palavras-chave: Formação do educador. Memoriais de formação. Identidade profissional.

Educational memorials and the construction of teacher's identity: a study about PROESF/Unicamp in the year 2007

Abstract: This article presents the results of a Master's Degree dissertation in Education which analyzed the educational memorials of 24 students of the Pedagogy Course from the Special Program for in-Practice Teachers Training (PROESF), which was carried out at Unicamp in 2007. The text provides a brief presentation of PROESF, the role of memory and reflections about the pathways in professional identity construction, as they are revealed by these educational memorials, bringing their autobiographical narratives to academic discussion, approaching everyday knowledge and teacher's knowledge, in order to present vestiges of the paths that constitute of teachers' professional identity.

Keywords: Teacher's education. Educational memorials. Professional identity.

Introdução

* Mestre em Educação pela PUC-Campinas - Professora da Rede Municipal de Ensino de Campinas - Foi tutora no PROESF - Rodovia D. Pedro I, km 136, Parque das Universidades, CEP 13086-900, Campinas, SP, Brasil. E-mail: lutestonsivalle@yahoo.com.br.

** Professora Doutora - Departamento de Educação - UFTM - Universidade Federal do Triângulo Mineiro - Rua Getúlio Guaritá, 159, Abadia, CEP: 38025-180, Uberaba/MG, Brasil. E-mail: gragiupa@gmail.com.

Este artigo apresenta resultados de uma dissertação de Mestrado em Educação que analisou Memoriais de Formação produzidos no curso de Pedagogia do Programa Especial de Formação de Professores em Exercício na Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental da Metropolitana de Campinas (PROESF) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), especificamente dos concluintes de 2007, buscando identificar os percursos de construção da identidade profissional.

A pesquisa, que teve a duração de dois anos, utilizou-se da análise documental como metodologia, com base em uma amostragem dos Memoriais de Formação dos concluintes de 2007, disponibilizados na biblioteca virtual da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), dos relatórios do PROESF, e de entrevistas e pesquisas publicadas, com a intenção de contextualizar em quais circunstâncias esses Memoriais foram produzidos.

Foram escolhidos, aleatoriamente para análise, 24 memoriais produzidos pelas concluintes no ano de 2007, o que corresponde a 10% do total de trabalhos finalizados no período.

A análise dos Memoriais restringiu-se ao universo feminino das alunas-professoras ao considerarmos que menos de 1% dos formandos era do sexo masculino, caracterizando a feminilidade da profissão. Assim, os apontamentos das leituras de construção de identidade profissional apresentam essa marca.

Com um olhar investigativo e estudos sobre a formação de professores, buscamos desvendar a singularidade de cada memória, de cada identidade. E, como afirma Itani (2004, p. 62), “[...] a singularidade de uma trajetória, que é sempre única, porque vivida como indivíduo e sujeito da própria história, como instituído e ao mesmo tempo instituindo e, por isso, marcando cada passo sobre cada um dos lugares de maneiras semelhantes e também diferentes”.

Durante a leitura desses Memoriais, levantamos dados sobre a identidade das alunas, analisando suas histórias, suas formações, e seus fazeres profissionais, reconhecendo quem são esses professores que cursaram Pedagogia em um programa de formação para professores em exercício.

O Curso de Pedagogia do PROESF e os Memoriais Como Estratégia Avaliativa e Formativa

A Lei nº 9394/96 (LDB), no Art. 62, determinou a exigência de formação superior para docentes da educação básica, desencadeando a criação de vários cursos de Pedagogia específicos para atender professores em exercício que possuíam apenas formação em nível médio (normal ou magistério). É nesse contexto que a Universidade

Estadual de Campinas (Unicamp) em parceria com os Secretários de Educação da Região Metropolitana de Campinas (RMC) organizaram um desses programas de formação de professores em serviço, destinado àqueles que atuavam nos sistemas municipais.

O curso de Pedagogia do PROESF foi organizado em três polos: Campinas, Americana e Vinhedo, sendo atendidas dez turmas por ano com aproximadamente 40 alunos cada, num período de quatro anos (2002 a 2008) formando, aproximadamente, 1.600 professores.

O curso de Pedagogia foi organizado com aulas presenciais, de segunda a sexta-feira, com duração de três anos e disciplinas semestrais, dirigido aos professores da Região Metropolitana de Campinas (RMC) que atuavam nas escolas municipais da Educação Infantil ou das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental, e que fossem aprovados no vestibular específico para esse curso.

As aulas nesse curso de Pedagogia foram ministradas pelos Assistentes Pedagógicos (APs), professores selecionados pela Faculdade de Educação da Unicamp preparados em três cursos de especialização específicos com a supervisão dos Professores-Doutores da Faculdade de Educação (FE).

A organização do curso de Pedagogia do PROESF, conforme seu Projeto (PEREIRA, 2001), previu o atendimento da especificidade desses professores em exercício, pressupondo que as práticas pedagógicas desses professores seriam modificadas por meio do conhecimento e discussões teóricas.

Como trabalho de conclusão, a coordenação optou pela elaboração de Memoriais de Formação que tiveram como eixo de desenvolvimento as reflexões sobre as transformações teóricas reflexivas proporcionadas pelo curso, sobre si mesmos, sobre a atuação docente e sobre a atuação da educação em seus alunos. Apresentavam elementos da história e da construção de identidade de profissionais únicos e singulares, tendo, portanto, potencial para tornar-se objeto deste estudo.

Há que ser considerado que a rememoração dessas alunas-professoras sobre o seu percurso de formação profissional e pessoal acontecia num determinado contexto, com caráter avaliativo. Sendo um instrumento formal para conclusão do curso, as alunas certamente selecionaram e priorizaram as lembranças que desejaram ver contadas.

As histórias dessas alunas-professoras, e o entrelaçar delas no espaço escolar é que davam consistência às ações efetivadas nas práticas pedagógicas. Por intermédio desses Memoriais de Formação foi possível evocar questões do “Fazer”, do “Estar” e do “Ser” professor, sendo um exercício de rememoração do passado, de repensar do presente, e de trilhar novas possibilidades para o futuro.

Diante da área do conhecimento a que se dedicaram profissionalmente, era de se supor que os registros das memórias destes sujeitos expressassem diferentes

representações acerca da infância, da escola e das suas práticas, dos métodos, das experiências vividas, dos atores e dos cenários, permeados pelo tempo e pela memória. A análise desses registros apresenta traços significativos da história de vida dessas professoras, sua identidade pessoal e a relação com a identidade profissional constituída.

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade. (BHABHA, 2003, p.19-20).

Por meio destes entre-lugares, que dão significados para as identidades, e do descortinamento do olhar homogeneizante construído pela cultura dominante, buscamos nos Memoriais estratégias de legitimar a singularidade de constituição profissional dessas alunas-professoras.

O Recurso da Memória Como Fonte Para o Registro

Valendo-nos desses Memoriais, buscamos conhecer a formação profissional de alunas-professoras do PROESF, reconhecendo suas diferenças culturais e multiplicidade de fazeres e práticas pedagógicas, num processo de construção de identidade do “Ser Professor”.

Na construção do “Ser Professor” entrelaçam-se as múltiplas faces de identidade constituídas no cotidiano pessoal e profissional, nas interlocuções que o professor realiza, nas “múltiplas teias de relações” que tece (JESUS, 2003).

A memória – fio que desencadeia as lembranças dessas teias –, sendo a faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos, ganha consistência escrita de fatos memoráveis, segundo quem os viveu por meio dos Memoriais. Trata-se de um exercício de reflexão que envolve muito mais do que registrar as memórias, suas narrativas autobiográficas, pois relata acontecimentos importantes que são considerados relevantes naquele dado momento em que são lembrados. Nesse sentido, Jesus (2003, p.23) assinala que “a memória vai sendo vasculhada, revirada e o que vem à tona é o que importa para o(a) narrador(a) naquele momento. A memória é viva. O passado, o presente e o futuro vão se misturando no agora (momento de contar)”.

A articulação das noções de memória e história pode contribuir na compreensão de processos sociais relativos à interpretação do passado, à construção de biografias, à

construção de identidades e à compreensão do conjunto de elementos que construíram e constroem o homem em sua existência.

Nesse caminho, recorremos a Meneses (1987) que explica que só temos as memórias porque esquecemos de outras menos significativas; para lembrar, é preciso que aconteça um esquecimento. O reconhecimento da priorização das lembranças e do que lembrar torna-se de extrema relevância para essa pesquisa, se considerarmos que os registros feitos nestes Memoriais foram selecionados mediante alguns critérios do autor.

Compreender que as autoras dessas memórias registradas nos Memoriais ressignificaram o momento vivido, priorizaram as memórias que desejavam compartilhar, e dessa interação produziram um novo conhecimento para sua formação é o que permeou essa dissertação.

Os Memoriais são os registros escritos das memórias selecionadas do pensamento, os quais as alunas desejavam compartilhar, utilizando a lógica da subjetividade como bem apresentou Aristóteles séculos atrás.

Assim, a história quando contada está intimamente ligada ao movimento, à imaginação e ao poder de raciocínio do homem, apresentando como produto artístico de seu interlocutor, ligada também aos sentimentos, com estabelecimentos de relações, sendo subjetiva podendo dar sentido político e histórico para fatos individuais.

As alunas-professoras do PROESF, portanto, trazem em suas histórias de formação, o testemunho vivo de um momento histórico da Formação de Professores na RMC, e esse protagonismo também permeia o seu registro, o seu rememorar, as suas argumentações reflexivas. Assim, a memória e o registro dessa memória por meio dos Memoriais de Formação são fontes históricas produzidas, construídas, sendo produções humanas, sendo registros que acompanham o homem a longo tempo (CHIZZOTTI, 2006).

A Memória como objeto de estudo do homem foi analisada de formas distintas através dos tempos. O pensamento humano, sua história registrada assume o *status* da preservação de comportamentos, pensamentos e cultura, em um determinado tempo e espaço constituído. Todavia, a memória não é simples repositório de lembranças; aliás, supõe estruturação e organicidade; não só armazena e evoca, mas seleciona e prioriza o que guardar e evocar. Le Goff (1996) assinala que a memória é fenômeno individual e psicológico; além disso, liga-se à vida social, e sua apreensão depende, portanto, do ambiente social e político. Logo, envolve certo modo de apropriação do tempo, supõe o domínio de regras do discurso e a posse de imagens que falam do passado.

A formação é um processo de construção, podendo considerar que, a cada instante, somos a mais nova edição de nós mesmos. É neste sentido de constante reconstrução e transformação que abordamos nesta pesquisa a identidade do Ser Professor. A busca de identidade dá consistência aos saberes emergentes da própria vida e prática profissional, e

ao priorizar as intensidades vividas, permite ao professor colocar-se na perspectiva da aprendizagem e da mudança.

Catani, Bueno e Sousa (2000) apresentam o relato de um trabalho de autobiografia, envolvendo professores, alunos de pedagogia e alunos de licenciatura, sobre as marcas deixadas em suas vidas pelo ingresso na escola e pelos antigos mestres que tiveram, sobre a forma como essas marcas contribuem na construção de formadores.

Essas lembranças vêm por intermédio do biográfico que, apesar do nome, ultrapassa o mero registro da história de vida de uma pessoa, sendo um processo de autoconhecimento com um objetivo bem mais ambicioso: lembrar o passado para entender o presente e estabelecer metas para o futuro; assumindo responsabilidade pelo próprio desenvolvimento, deixando de ser vítima e passando a ser agente transformador de sua vida e atuação. Segundo Salles (2004),

Elaborar um memorial consiste em tentar reconstruir a minha autobiografia, buscando esquematizar minha trajetória profissional e acadêmica até o momento. Isso implica em olhar para o seu passado, só que é feito com olhar do presente e, é nesse momento, que através da memória a nossa própria história de vida é re-olhada. Ou seja, os fatos vivenciados podem estar sujeitos a distorções, pois são re-significados pela perspectiva atual. (p.141).

Assim, optamos por buscar nas leituras referenciais sobre o percurso da formação dessas alunas que atuam como professores, e muito tem a dizer sobre a sua história e o lugar de onde falam, ou seja, a Educação.

A Singularidade das Memórias

Ao refazer o trajeto de construção e reconhecimento da identidade profissional dessas alunas por meio de seus Memoriais, tínhamos a memória como elemento desencadeador de sensações ora prazerosas, ora dolorosas, ora reconfortantes. Com um olhar investigativo e com base nos estudos sobre a formação de professores, buscamos desvendar a singularidade de cada memória, de cada identidade. E, como afirma Itani (2004, p.62),

[...] a singularidade de uma trajetória, que é sempre única, porque vivida como indivíduo e sujeito da própria história, como instituído e ao mesmo tempo instituindo e, por isso, marcando cada passo sobre cada um dos lugares de maneiras semelhantes e também diferentes.

Durante a leitura desses Memoriais, levantamos dados sobre a identidade dessas alunas-professoras, analisando suas histórias, suas formações, e seus fazeres como professoras, estabelecendo categorias explicitadas nos textos, reconhecendo quem são essas professoras que cursaram Pedagogia num Programa de Formação para Professores em Exercício.

Os Memoriais de Formação foram para estas alunas-professoras momento não somente de revisitar seu percurso histórico, mas também de usá-lo como tempo de construções e (des)construções da teoria que reflete sua prática profissional. Quando reviveram suas memórias, viabilizaram a troca de papéis entre o educador e o educando, repensando as ações na Educação, tendo nessa rememoração, segundo Vasconcelos (2003), a possibilidade de “[...] ver o presente de uma outra perspectiva – a partir do passado – quando ainda era interrogação, devir, percurso a ser explorado [...]” (p.10). Podendo compreender que a sua formação não se restringiu ao conhecimento teórico, nem a práticas isoladas, sendo uma ação contínua entre passado, presente e futuro, e entre teoria e prática. Nesse sentido, os estudos de memória relacionados à vida e à prática profissional dos professores podem ser utilizados, também, como método auxiliar no processo de reflexão sobre a ação, com vistas à criação de nova cultura de formação de professores, levando à reconstrução da prática. Permeando os processos reflexivos nomeados por Schön (2000), a elaboração do conhecimento acontece a partir do pensar a sua prática pedagógica, ou seja, a “reflexão na ação”, “sobre a ação” e “sobre a ação da ação”.

Reconhecer a pluralidade presente nos processos de constituição da profissão docente nas entrelinhas dos escritos, dos saberes, dos fazeres sendo requisito fundamental para propiciar repensar a educação e suas práticas.

Ao considerar os fragmentos da história dessas alunas do PROESF, demos voz a um dos atores do cotidiano escolar, a professora da escola pública, desvelando em seus relatos, vivências que desencadeiam práticas pedagógicas, que ora conduzem a mudanças e crescimento de seus alunos, ora apenas reproduzem a cultura dominante, como relatado por Trindade (2000, p.10): “Uma professora fazia seu mural de Natal com muitos anjinhos, todos loirinhos. Quando alertada e indagada em relação aos anjos morenos, negros, ruivos... ela riu e disse que daquele jeito era mais fácil, só precisava recortar uma cartolina, a amarela”.

Assim, valendo-nos das trajetórias de vida pessoal e profissional dessas alunas do PROESF foi possível conhecermos, também, os processos de opção e de formação docente, colocando-os como sujeitos históricos, numa compreensão de que as identidades são construídas e/ou constituídas nas múltiplas relações.

Segundo Filho e Monteiro (2002), as redes de formação cotidiana das professoras estão permanentemente articuladas às redes mais amplas de conhecimentos anteriores, tecidas dentro e fora da escola. Nas redes de conhecimentos também apontadas por Alves (2002), essas diferenças atuam não somente para trocas de atividades ou troca de informações, representam um espaço de produção e distribuição de códigos culturais.

Essas histórias ao se entrelaçarem no cotidiano escolar constroem novas histórias de formação profissional, pedagógica e de vida. O registro das “vozes” das alunas desse curso diz muito do que é “Ser Professor”, das semelhanças e diversidades encontradas na (aparente) homogeneidade do “ser professor”.

Entendendo que esta formação não acontece apenas na relação com o conhecimento teórico ou com a prática cotidiana, mas sim nas múltiplas relações estabelecidas, tanto com os conhecimentos quanto com seus saberes, numa comunicabilidade constante que constitui o “Ser Professor”.

Segundo Grillo e Gessinger (2008), a identidade do professor define-se no equilíbrio entre as características pessoais e profissionais e vai sendo construída nas relações. Assim, compreendemos que as mudanças-influências proporcionadas pela vivência familiar, escolar e com os pares por um lado e as mudanças em si, enquanto sujeito, por outro, têm a ver com a trajetória, com a construção da identidade do professor (construindo sua história, seu pensamento, suas crenças, valores, ações...), confirmado por Pimenta (1999).

Paulo Freire (2007) apresenta também sua reflexão sobre como se fez professor, reconhecendo que apesar dos sonhos de menino e adolescente, a constituição profissional se deu no convívio com as diferenças, quer pelas concepções quer pelas formas de vivências.

Durante a investigação analítica dos Memoriais, um dos primeiros pontos observados foi que essas alunas-professoras da RMC, formadas em Pedagogia pelo PROESF, reconheceram as dificuldades iniciais para sua formação profissional, especialmente a inserção no universo acadêmico, e que a constituição profissional é o resultado de um conjunto de fatores, oportunidades, relações afetivas, entre outros.

Essa dificuldade de inserção no universo acadêmico foi ressaltada no livro “Histórias de Professores (Re)construções em memoriais de formação”, no qual Soligo e Alexandrino (2007) organizaram e publicaram 15 memoriais de formação de alunas do PROESF do município de Hortolândia:

Um componente marcante nessas narrativas – o ingresso no Curso de Pedagogia – PROESF da UNICAMP, nos conta como a Universidade Pública estava longe da vida e das expectativas dessas brasileiras – o viés de classe social marcando uma relação quase impossível entre a vida dessas trabalhadoras, com seus baixos salários e dia a dia difícil, e a elitista Universidade Pública, acessível a poucos, em geral àqueles que têm

melhores condições financeiras, para pagar boas escolas, estudar sem trabalhar, freqüentar curso pré-vestibular, etc. (p.21).

Os autores afirmam ainda que,

É exatamente no encontro entre os fragmentos de tantas histórias, com suas semelhanças e diferenças, que vamos conhecendo as tramas da educação brasileira e compreendendo como essas se vinculam ao cotidiano de professores e alunos nas nossas escolas. É também, a partir dessa trama que nossos conhecimentos teóricos ganham outros coloridos e sentidos e podem alavancar novos conhecimentos e idéias. (p.21).

Essas histórias, ao se entrelaçarem no cotidiano escolar, constroem novas histórias de formação profissional, pedagógica e de vida. Nesta pesquisa, não seria possível analisar as histórias de cada professora, entretanto, foi possível buscar em fragmentos dessas histórias indicadores da formação profissional e algumas contribuições do PROESF nesse processo.

A Formação e a Construção da Identidade Profissional: Saberes do Cotidiano, saberes de professor e seus enlaces

Buscando compreender a construção de identidade profissional dessas alunas-professoras, percebemos que o fio condutor central é a formação, não uma formação acadêmica, mas sim a formação compreendida de forma ampla, no contexto das relações, na interação de identidades e conhecimentos, na complexidade das mudanças internas e externas do indivíduo, na sua relação com a sociedade.

De acordo com Hall (2000), a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. Essa interação de identidades, esse jogo de identidades iniciado no espaço familiar, amplia-se no cotidiano das relações, no convívio humano, nas múltiplas possibilidades vivenciadas por cada indivíduo. Para Papi (2005),

[...] a identidade profissional configura uma forma de ser e fazer a profissão; portanto, precisa consistir em um processo no qual os professores considerem-se atores, responsáveis e autônomos, pelo trabalho que desenvolvem e pela vida pessoal e social da qual fazem parte. (p.53).

Nessa perspectiva, e para as finalidades deste estudo, dividimos a análise em dois eixos, o dos *saberes do cotidiano* e o dos *saberes de professor*, cabendo salientar que, por vezes, esses fatores se confundem na complexidade da identidade profissional.

As histórias descritas nesses Memoriais revelaram que essas alunas-professoras, em sua grande maioria, são oriundas de famílias simples, que residiam na zona rural e para estudar percorriam longos caminhos de estrada de terra, frequentando salas multisseriadas que ofereciam, no máximo, até o 4º ano primário; a continuidade dos estudos dependia de residirem na cidade, seja na casa de um parente próximo, seja no próprio emprego, já que muitas vezes conciliavam o trabalho com o estudo.

Algumas alunas registraram que, por serem mulheres, a prioridade não estava no estudo, mas sim no sustento familiar, tendo que adiar a continuidade de formação para anos mais tarde. Entretanto, um ponto de grande relevância na constituição profissional dessas alunas-professoras é a visão do magistério como uma forma rápida de inserção no mercado de trabalho, ou como uma opção para a mulher que normalmente acumula diferentes funções, como ser mãe, mulher, dona de casa e, no tempo restante, pode atuar como professora.

Ao reconhecer a multiplicidade de papéis dessas alunas-professoras é possível compreender melhor Cerisara (2002), ao evidenciar a relação do espaço privado com o espaço público na profissionalização docente, em especial na educação infantil, na qual essas profissionais atuam. Essa relação de ambiguidade entre a função materna e a função docente, bem como a construção histórica de “dom” pessoal ou sacerdócio para o magistério reforçam a análise de Bruschini e Amado (1988) de que,

Embora o encargo da mulher com a socialização infantil seja fruto da divisão sexual do trabalho, diferenças biológicas são invocadas para justificar esse fato como “natural” [...]. Historicamente, o conceito de vocação foi aceito e expresso pelos próprios educadores e educadoras, que argumentavam que, como a escolha da carreira devia ser adequada à natureza feminina, atividades requerendo sentimento, dedicação, minúcia e paciência deveriam ser preferidas. Ligado à idéia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certas ocupações, o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente. Influenciadas por essa ideologia, as mulheres desejam e escolhem essas ocupações, acreditando que o fazem por vocação; não é uma escolha em que se avaliam as possibilidades concretas de sucesso pessoal e profissional na carreira. (p.07).

Na formação docente e na constituição da profissionalização dessas alunas-professoras não se pode negar a interface de gênero e as relações socioculturais estabelecidas historicamente, contudo minimizar a atuação à maternagem, ao “dom”, ao romantismo folclórico sobre a profissão é desconsiderar as múltiplas possibilidades de formação, numa visão reducionista do conhecimento adquirido e da aplicabilidade prática.

Mesmo com todas as dificuldades de subsistência ou de possibilidades de crescimento acadêmico, quase na totalidade, as alunas do PROESF registram a importância

da família, do afeto e das relações interpessoais em sua formação básica, reconhecendo como fator decisivo na atuação profissional. Essa multiplicidade de interações é ampliada no espaço do trabalho, na vivência prática com o outro, no respeito ao diverso e adverso, constituindo uma identidade profissional singular.

A relação com o trabalho perpassa as relações estabelecidas com o conhecimento e com o olhar de professor, reafirmando que os fatores internos e externos constituem esse profissional e sua singularidade.

A relação no espaço de trabalho, ou seja, no espaço escolar, expressa os valores, a cultura, o conhecimento e os conflitos vivenciados por essas alunas-professoras no cotidiano, em que cada um desses apontamentos pode denotar a modificação ou reafirmar práticas.

O registro escrito também possibilitou a percepção da opção profissional e da relação com o curso de Pedagogia do PROESF, já que não estiveram nesse espaço formativo por mero acaso, por “providência divina”, e nem por “caridade do poder público”.

Olhar para o espaço formativo, para o espaço do trabalho, para o espaço pessoal e profissional não foi acaso, além do mais, possibilitou reflexões como a da aluna-professora E.T.S.:

Pois, assim como ainda vejo muitos professores agindo, eu agia e acreditava que o “bom professor” era aquele que passa horas do seu fim de semana, do seu feriado ou da sua noite, pensando e preparando aulas, atividades... sem ganhar nada em troca, prejudicando minha vida pessoal, minhas relações familiares e acreditando que era valorizada. [...] me recuso a me prestar a tais situações, o máximo que me admito fazer é, vez por outra, me pegar pensando sobre algo que irei realizar, E a partir daí minha vida pessoal se tornou menos estressada; eu passei a me valorizar mais e com a certeza de que na é por exercer minha função no local para o qual sou contratada para exercer que deixo de ser mais ou menos competente, ao contrário, sou uma Profissional que vende sua força de trabalho e tem um contrato muito bem estabelecido para isso. (p.11).

Ou da aluna A.D.N.L.:

Não causei nenhuma revolução nas escolas por onde passei, mas procuro fazer do meu trabalho algo que me identifica, que acredito como pessoa e profissional. É um trabalho que caminha a passos lentos, mas é um começo, assim, acredito que o melhor que posso ensinar para os meus alunos e demais colegas de profissão, é o exemplo, pois só com teoria não se muda ninguém. (p.13).

A profissão docente está em constante construção e modificação, não existindo um modelo único de profissional, ou um modelo certo e acabado. Nessa construção da

profissão docente, cabe também o registro da vida escolar dessas alunas-professoras e das referências que tiveram, como relatou C.R.P.C.:

Lembro-me apenas de dois acontecimentos deste período. O primeiro com muita tristeza porque eu sempre fui uma aluna muito estudiosa e comportada. Um dia, a minha professora, chamada D. Olga puxou a minha orelha porque eu estava conversando. Estava apenas com seis anos de idade e eu nunca mais me esqueci disso! O segundo, com muita alegria. Eu gostava muito da professora substituta, chamada Regina, e tenho na minha memória ela escorregando junto comigo no escorregador do parquinho. Como era gostoso! (p.04).

Os registros da memória escolar, seja de pessoas, de objetos, seja do espaço formativo ressignificados no momento do registro dos Memoriais, denotam a importância que tiveram para história formativa dessas alunas. Se considerarmos que para lembrarmos é necessário o esquecimento, portanto, só compartilhamos o que permitimos que os outros conheçam de nossas mais íntimas recordações.

Algumas dessas recordações retratadas são apenas registros para uns, mas para seus escribas tiveram o fator emocional na seletividade do que contar e na relação estabelecida com sua formação pessoal e posteriormente profissional.

Não lembro nome de professores e pouquíssimo da fisionomia, mas recorro de algumas atitudes bobas como o balanço do braço da professora ao escrever na lousa, eram senhoras com mais de quarenta anos e se mantinham distantes, bem distantes. Quando veem à minha memória só consigo vê-las na lousa ou em suas mesas. (E.T.S., p.19).

Acreditamos que esta pesquisa permitiu pensarmos não apenas sobre a formação dos alunos do Curso de Pedagogia do PROESF – Professores da RMC – enquanto professores, mas também para refletirmos, discutirmos e analisarmos a diversidade desses profissionais no espaço escolar.

Ao separarmos em saberes do cotidiano e saberes de professor buscamos demonstrar que o indivíduo, no caso professoras da RMC, ex-alunas do PROESF, na sua formação de identidade profissional, estabelecem relações externas – com a família, com os amigos, com o conhecimento, e com diversos outros aspectos – que quando interiorizadas ganham características próprias traduzidas para as percepções pessoais, seja na sua visão de mundo, nos seus olhares, na sua relação com o conhecimento, seja com sua própria formação.

Algumas dessas percepções ficaram visíveis ao redigirem seus Memoriais, tornando públicas algumas dessas concepções, vivências e frustrações. Muitas dessas professoras apresentam nos seus Memoriais a visão romântica do magistério, do sacerdócio, do sonho

em ensinar; esses são importantes indicadores de suas escolhas profissionais. No entanto, não garantem que sejam profissionais diferenciadas em suas práticas profissionais. Essa visão romântica perpassa alguns registros selecionados por seus interlocutores.

Quando criança, nas brincadeiras, eu queria ser professora. Nesta época, saber e poder possuíam uma sistemática organizada de acordo com o conhecimento: eu pouco sabia sobre a profissão do magistério. O meu conhecimento se restringia apenas a um “ser” perfeito, que sabia tudo, bem vestidas, umas espécie de herói. Isso me bastava para exercer a profissão. (Qualquer semelhança com a vida real, é mera coincidência). Como eram lindas essas professoras! (A.D.N.L., p.02).

Essa marca da visão romântica diante do ensino, do exercício do magistério, não diminui o profissionalismo dessas alunas-professoras, contudo é um ponto a ser considerado em sua formação, em seu percurso profissional, como afirmou Papi (2005). Entretanto, há de se considerar, também, que além do professor ficar numa berlinda de lugares, continua a ser professor, mesmo fora da escola. São essas tramas e esses múltiplos espaços de estar, ou não poder estar, do professor, que constituem sua identidade. É no enrolar e desenrolar dos múltiplos fios da formação (VASCONCELOS, 2003): contexto acadêmico, trocas entre pares, histórias pessoais, relações das mais diversas naturezas é que se tece o “Ser Professor”.

Essas alunas-professoras têm em suas práticas profissionais muito do que acreditam da profissão docente, do empirismo profissional, entretanto, a formação teórica que tiveram nesse período de formação acadêmica junto ao PROESF e no seu trajeto pessoal, com suas histórias de vida diversas, consolidaram ou transformaram suas atuações, como afirma a aluna A.J.O.C.:

Posso afirmar que abandonei a visão ingênua que tinha do mundo, o senso comum, e tornei-me uma pessoa consciente dos porquês da sociedade ser o que é, das desigualdades, das injustiças. Consciente e crítica, pois sei que o meu papel de educadora exige que as minhas ações sejam voltadas no sentido de mudar o “status quo”, de resistir aos avanços e imposições da ideologia dominante, cujo desejo é que acreditemos que as coisas sempre foram assim e que nada podemos fazer para mudar. (p.26).

Outra aluna, A.V.O., também trata das dificuldades e percepções relativas ao olhar e ao conhecimento na ampliação dos horizontes: “Mesmo com dificuldades, a minha percepção foi abrangendo estes conhecimentos e meu olhar enxergando além do horizonte.” (p.20). E J.M.S. complementa: “Nós professores precisamos tomar consciência de que somos parte de um processo transformador. Somos profissionais da cultura, e não

de um padrão único de aluno, de currículo, de conteúdos, de práticas pedagógicas, de atividades escolares” (p.13).

Grande parte dessas alunas-professoras, ao redigirem seus Memoriais, conscientizou-se de seu importante papel no espaço escolar, das mudanças que aconteceram no processo formativo das profissionais que são hoje. Constatamos, portanto, que o primeiro passo para mudança profissional, para configurar-se o “Ser e Fazer” de Professores é o reconhecimento das relações estabelecidas no cotidiano, seja com um novo conhecimento seja com os demais atores do espaço escolar.

O percurso de formação dessas alunas-professoras não teve início ou fim com o PROESF, mesmo se tratando de um período importante de suas histórias, não foi o único. Como ressalta Papi (2005):

A formação inicial de professores se constitui em elemento fundamental, embora não único, para exercício profissional. Consiste em um processo em que ninguém se forma sozinho e no vazio, uma vez que se conta com a existência de trocas, interações e experiências. (p.51).

Assim, a negação de possibilidades escolares ou a luta por espaços formativos distinguem essas alunas-professoras com histórias que poderiam ser iguais às de tantas crianças com as quais atuaram nos anos de magistério e que em algum momento precisaram desistir dos estudos ou adiá-los para ajudar no sustento familiar. O trecho destacado de um dos Memoriais ilustra como a necessidade social define as possibilidades de cada indivíduo:

No universo social em que vivi minha infância, a maioria das crianças, ao receber o diploma do curso Primário (correspondente às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental atual), encerravam sua vida escolar. Seus pais começavam a pensar em encontrar trabalho remunerado para elas. Estava na hora de ajudar no sustento da família, retribuir os esforços dos pais em tê-las mantido na escola por quatro anos, o que para muitos não era fácil. (A.J.O.C., p.03).

Essas alunas-professoras descrevem nos Memoriais o adiamento da formação por diversos motivos, tais como: ajudar no sustento familiar; construir suas próprias famílias; criação dos filhos; maridos e pais machistas. Essas justificativas retratam que o contexto sociocultural interfere no processo de profissionalização, conforme afirma Papi (2005),

A ação docente, aqui suposta numa perspectiva de referência aos sujeitos, com sua cultura pessoal e profissional, seus compromissos, opções, vontades, conhecimentos, valores e representações, é um dos fatores para a consecução de metas assertivas dentro do processo de profissionalização docente. (p.36).

A necessidade de justificarem essa assertividade permanente na atuação profissional conduziu algumas dessas alunas-professoras a acreditarem que no espaço acadêmico, e especialmente num espaço diferenciado como supõem ser a Unicamp, encontrariam todas as respostas teórico-práticas para suas dúvidas nas práticas educativas. Contudo, constataram que as respostas não são tão simples e que o formar é uma via de mão dupla, na parceria do espaço acadêmico com o espaço escolar, como demonstra A.V.O.:

[...] Em minha ingenuidade, os professores PHDs em assuntos ligados ao ensino, trariam receitas testadas e prontas em belíssimas bandejas para nós alunas. Ledo engano! Descobri que na maioria das vezes, tal qual os simples e mortais professores/alunos, eles, os professores doutores, também buscam respostas às suas hipóteses e dúvidas relacionadas à educação. (p.03).

A constatação de que as respostas educacionais não estão num único lugar, ou de que a formação superior não finda o processo de constituição profissional do professor é marca em quase todos os Memoriais, os quais ressaltaram a importância do PROESF na viabilização de possibilidade de reflexão e de conhecimento. Diante da evidência de que o conhecimento é um dos aspectos que constituem uma identidade profissional, e de que não basta conhecer, é sua aplicabilidade que dá consistência a esse saber:

Hoje faço uma retrospectiva e percebo, feliz e admirada, que estou cursando o último semestre do tão sonhado ensino superior. Quanta coisa mudou para mim desde que iniciei o curso! Quantos progressos obtive! Como minha prática profissional se aperfeiçoou! Inclusive na área de informática, pois levo meus alunos ao laboratório e oriento pesquisas, jogos e trabalhos. Há três anos atrás, isso seria impossível. (A.J.O.C., p.14).

É claro que o conhecimento adquirido no período de formação no PROESF não pode ser tido como única via de conhecimento, como única referência que mobilizou mudanças, mesmo porque, de acordo com Fiorentini (2000), a formação docente está constituída pela tríade professores, prática e saberes. Portanto, não podemos considerar o conhecimento, os saberes, dissociados das relações pessoais, nem mesmo da prática profissional.

Essas alunas-professoras se constituíram nas interações de troca seja com o conhecimento, seja com as parceiras de sala de aula, seja com as APs, seja com seus alunos, até mesmo, seja com fatores que não ficaram claramente estabelecidos na aquisição de novos conhecimentos. O PROESF pode ter constituído um espaço de

construção ou sistematização de conhecimentos, aliado aos demais, que permitiram questionamentos, reflexões e olhares para a realidade sob outra ótica.

Considerações Finais

A proposta deste trabalho foi a de identificar aspectos que pudessem contribuir para elucidar o processo de construção da identidade profissional de um grupo de 24 professoras da RMC, ex-alunas do PROESF, com base em seus Memoriais de Formação redigidos como trabalho final no curso de Pedagogia. A análise realizada permitiu confirmar que a diversidade cultural, os diferentes caminhos percorridos, a formação acadêmica, e as relações de convivência constituem a identidade profissional dessas professoras.

Tentar traçar o perfil da identidade profissional dessas alunas-professoras significou considerá-las em seu contexto sociocultural, nas suas múltiplas relações de convívio. Por se tratar de um grupo de mulheres, não pudemos deixar de considerar a questão do gênero ao qual pertencem, entendendo-o como um fator relevante na constituição de sua identidade, outro ponto relevante é que essas alunas tiveram acesso tardio à graduação por motivos diversos, como a família ou questões financeiras.

O acesso a uma Universidade Pública também foi de grande relevância para formação teórica dessas alunas que tinham essa possibilidade como impossível, inatingível, quase utópica. Os relatos dessas professoras sobre sua entrada no ensino superior – muitas de origem humilde, evidenciando nos seus Memoriais de Formação histórias de exclusão, persistência e sonho com o curso superior, não acreditando serem capazes de cursar uma faculdade, especialmente uma faculdade pública e renomada como a Unicamp – propiciam, entre outras, reflexões sobre as políticas públicas, a falta de formação qualificada de nossos professores e, conseqüentemente, sobre as práticas pedagógicas nas salas de aula.

O curso de Pedagogia do PROESF propôs às alunas-professoras que permanecessem numa constante reflexão dos seus fazeres pedagógicos à luz do conhecimento teórico; e como registro dessas reflexões o trabalho de conclusão do curso foi realizado no formato de Memoriais de Formação que constituem fonte de memórias, histórias, fazeres e contradições do cotidiano escolar.

Ao propor os Memoriais de Formação como registro da reflexão acadêmica, dando voz a esses professores, o curso do PROESF possibilitou que essas alunas visitassem seus registros de Memória do “Ser Professor”, liberando múltiplos olhares sobre o fazer de professor. E quando essas alunas-professoras ganham voz no seu fazer cotidiano por meio dos Memoriais, ao descreverem suas trajetórias pessoais e profissionais, permitem o revisitar de suas práticas, seja no pensar, no fazer, seja no refazer do cotidiano escolar, denotando sua singularidade.

Segundo Tardif (2002), a construção do professor, de sua docência, deve acontecer de forma equilibrada sobre os saberes do conhecimento específico, da Pedagogia e da experiência, integrando um saber docente e plural.

No exercício de redação dos Memoriais de Formação, mesmo se tratando de um instrumento de avaliação e, portanto, limitante, foi possibilitado a esses professores olhar-se no espelho, refletindo o olhar que têm sobre a sua formação, o “Ser Professor”.

Exatamente essas diferenças que buscávamos na pesquisa. A leitura dos Memoriais demonstrou a singularidade dessas professoras, e que suas identidades pessoais e profissionais são o resultado de um processo numa dimensão de tempo e espaço, e de processo social. É na relação com o outro que é possível o reencontro com o próprio eu, portanto,

Abordar o tema da identidade implica necessariamente falar do eu, bem como das formas pelas quais o sujeito rememora suas experiências e entra em contato consigo mesmo. Mas como se acercar disso, se, especialmente nas narrativas autobiográficas, os limites entre realidade e fantasia e entre memória e pensamento são tão tênues e indefinidos? E parece praticamente impossível separar a memória do sujeito daquilo que constitui a memória dos outros? Em nosso caso particular, trata-se de saber de que modo os docentes realizam essa experiência quando se voltam para si mesmos e se perguntam como se tornaram professores. E, ao fazê-lo, têm que enfrentar a questão de saber se gostam ou não daquilo que fazem. E, mais do que isto, se gostam de ser “esse profissional”. (CATANI; BUENO; SOUSA, 2000, p.167-168).

Fazer-se professor, fazer-se profissional, é dar sentido aos saberes construídos na individualidade e coletividade. Fazer pesquisa também, e este trabalho buscou, no intercâmbio de olhares destas alunas-professoras tão singulares, reconhecer a construção de identidade do “Ser Professor”.

É evidente que o PROESF esteja implícito na Formação, na interação com os outros (no caso colegas, APs e conhecimento) e na interação consigo, entretanto, nessa dissertação, buscamos demonstrar que o Curso de Pedagogia não tem a exclusividade de formador, ou seja, foi de extrema importância, mas não único espaço/veículo de formação dessas alunas-professoras.

De acordo com Schön (2000), é no inesperado, na urgência em responder a uma situação emergente que o professor se constitui, portanto, podemos concluir que não existe um manual, ou uma fórmula única que determine a constituição profissional de professor, nos fazemos e refazemos na diversidade do cotidiano e das nossas experiências como tal.

Em síntese, essas alunas-professoras testemunham, por meio do registro de suas histórias, a sua formação, resignificando-a, de forma que “a memória aponta para a construção de um fazer. Mas ainda: a memória torna-se um saber” (PASSOS, 2003, p.106).

Segundo Cavaco (1995), ao ressignificarem suas histórias de vida de professores, revisitam seu passado, estando vinculados à "necessidade de procurar o fio de vida para valorizar o presente e reinventar o futuro" (p.184). Assim, podemos concluir que,

São pessoas concretas e plurais que se fazem historicamente a partir de contextos sociais onde vivem seu cotidiano. É aí, na casa, no trabalho, na sala de aula, na igreja que elas vivenciam sua relação com a estrutura mais ampla. (VASCONCELOS, 2003, p.12).

E que, se na escola buscamos atender a diversidade, a pluralidade e as necessidades dos alunos, podemos reconhecer também nos professores essas mesmas construções que envolvem os diferentes saberes, nos diferentes espaços, e que culminam no espaço do "Ser Professor" dentro e fora do espaço escolar.

Recebido em 21/3/2012

Aprovado em 21/5/2012

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. A Experiência da Diversidade no Cotidiano e suas conseqüências na Formação de Professoras. In: VITORINO FILHO, Aldo; MONTEIRO, Solange Castellano (Orgs.). *Cultura e Conhecimento de Professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.13-30.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BRASIL. Lei nº 9.394/96, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, Ano CXXXIV, n. 248, de 23/12/96, p. 27.833-27.841.

BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos Sobre Mulher e Educação: algumas questões sobre o magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 64, p.4-13, fev.1988.

CATANI, Denice Barbara; BUENO, Belmira Oliveira; SOUSA, Cynthia Pereira de. O amor dos começos: por uma história das relações com a escola. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 111, p. 151-171, dez. 2000.

CAVACO, Maria Helena. Ofício de Professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, Antônio (Org.). *Profissão Professor*. Portugal: Porto Editora, 1995, p.155-191.

CERISARA, Ana Beatriz. *Professoras de Educação Infantil: entre o feminino e o profissional*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CHIZZOTI, Antonio. Etnografia. In:_____. *Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 65-76.

VITORINO FILHO, Aldo; MONTEIRO, Solange Castellano Fernandes. Apresentação. In: _____. *Cultura e Conhecimento de Professoras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 7-12.

FREIRE, Paulo. *Políticas e Educação*. Indaiatuba, São Paulo: Villa das Letras, 2007.

GRILLO, Marlene; GESSINGER, Rosana Maria. *A Constituição da Identidade Profissional – Saberes Docentes e Prática Reflexiva*. PUC/RS, Porto Alegre/RS, p. 1-6, 2008. Disponível em: <<http://www.pucrs.campus2.br/~jiani/gap/docencia2008/texto1.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2008.

HALL, Stuart. A Identidade em Questão. In: _____. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A., 2000, p. 7-22.

ITANI, Alice. Caminhos e Trilhas: Uma Trajetória. In: CAMARGO, Marilena Aparecida Jorge Guedes de (Org.). *Fragmentos, Memória, Trajetória Histórica*. Rio Claro, SP: Paper Copy, 2004, p. 61-110.

JESUS, Regina de Fátima. Sobre Alguns Caminhos Trilhados... ou Mares Navegados... Hoje, Sou Professora. In: VASCONCELOS, Geni Amélia Nader (Org.). *Como me Fiz Professora*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 21-42.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1996.

MEMORIAIS DE FORMAÇÃO DO PROESF (2005 a 2007). Biblioteca da Unicamp. Disponível em <<http://www.bibli.fae.unicamp.br>> ou <<http://libdigi.unicamp.br/document/list.php?tid=121>>. Acesso em: 27. Jul. 2007.

MENESES, Adélia Bezerra. Memória: Matéria de Mimese. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *As Faces da Memória*. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 1987, p.11-24.

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes. *Professores: Formação e Profissionalização*. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2005.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. Projeto do Curso de Pedagogia do Programa Especial para Formação de Professores em Exercício na Rede de Educação Municipal da Região Metropolitana de Campinas - PROESF. Campinas: Unicamp, 2001. (documento interno).

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). *Saberes Pedagógicos e Atividade Docente*. São Paulo: Cortez, 1999.

SALLES, Leila Maria Ferreira. Aprendendo a ser professor: fragmentos de uma trajetória. In: CAMARGO, Marilena Aparecida Jorge Guedes de. (Org.) *Fragmentos, Memória, Trajetória, História*. Rio Claro, SP: Paper Copy, 2004, p. 141-156.

SCHÖN, Donald. *Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*, n. 13, p. 1-20, jan/fev/mar/abr. 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE13/RBDE13_05_MAURICE_TARDIF.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2008.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar. In: TRINDADE, Azoilda Loretto da; SANTOS, Rafael dos. (Orgs). *Multiculturalismo: Mil e Uma Faces da Escola*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p.07-16.

VASCONCELOS, Geni Amélia Nader. Puxando um Fio. In: _____(Org.). *Como me Fiz Professora*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.07-20.